

Festas
Nicolinas
Vimaranenses

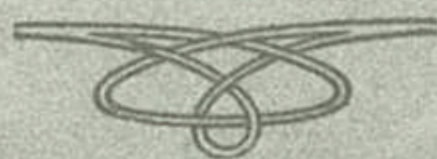


PREGÃO
ACADÉMICO

RECITADO EM 5 DE DEZEMBRO DE 1949

pelo aluno de 5.º ano

António Abel Leite da Silva Lopes



Tipografia Antunes-Guimarães 500 ex.18-11-49

Antigamente, os nossos bisavós
Pareciam viver mais satisfeitos
Sem estarem ainda, então, sujeitos
A que um avião caísse sôbre nós!

Era o tempo em que quase toda a gente
Sentia gôsto em caminhar a pé,
Mas amando, talvez com maior fé,
O Berço em que nascera Gil Vicente!

Nesse tempo ainda o Largo do Tournal
Não se encontrava, como hoje, assim,
Mas cercado das grades do Jardim
Que à noite se fechavam, por sinal!

Era o tempo em que o próprio D. Afonso
Não sonhara, sequer, o pesadelo
De ir morar, outra vez, junto ao Castelo
Depois de ouvir o último responso!

Ainda a Estrada de Fafe, entre cimalhas,
Estava longe de que a Luz Eléctrica
Iluminasse, em linha bem simétrica,
O sombrio negrume das Muralhas!

Uns escassos e tristes candieiros
Rompiam, frouxamente, a escuridão,
Sem que à Porta da Vila ou Paio Galvão
Fôsse mister a voz dos sinaleiros!

De bom humor e entre sorrisos francos,
Guimarães ia até Campo da Feira
Ouvir cantar alguma lavadeira,
Sentando-se no chão, por não ter bancos!

Enquanto que S. Pedro e mais S. Paulo,
Tão amados apóstolos de Cristo,
Como num sonho bíblico imprevisito,
Se coroavam dum divino halo!

Era o tempo em que poucos atractivos
Nossos olhos deixavam meio absortos,
Respeitando-se mais, então, os Mortos,
Do que hoje se respeitam mesmo os Vivos!

Havia ainda alguma Paz na Terra!
Nem os homens, com fúrias de chacais,
Ruminavam os ódios infernais
Que o Mundo trazem em contínua guerra!

Doce tempo em que ainda NICOLAU
Olhava para Nós com indulgência,
Habitado à dura penitência,
Como Santo, a sofrer tudo que é mau!...

Mas o Mundo tem dado tanta volta,
Envolve-o ainda um tão medonho cáos,
Que nem que houvesse 20 NICOLAUS
Fariam tréguas a uma tal Revolta!

Permita Deus que dias mais risonhos
Venham raiar à pobre Humanidade,
Para que o sol doirado da Verdade
Também aqueça os nossos próprios sonhos!...

Guimarães! tua fama nunca morre!
 Pois basta-nos fitar essas ameias
 Para sentirmos palpitar nas veias
 O sangue dos Heróis que nelas corre!
 Cada Rua que tens é um monumento
 E cada pedra uma sagrada reliquia,
 Que o sol as doire, e a Pátria vivitique-a
 Todo o calor do nosso pensamento!
 É preciso, por isso, venerá-las,
 Sem as deixar ruir com falsos pingos,
 Tal como aconteceu em S. Domingos
 Crivado, lês a lês, de rudes balas!
 S. Francisco escapou à derrocada...
 Enquanto, agora, aqueles capiteis
 Ouvem as preces desses bons fieis
 Erguendo ao céu a alma extasiada!
 Louvado seja Deus! Valha-nos isso!
 Nem tudo pode ter a mesma sina
 Só a atrair as aves de rapina,
 As negras asas do pior enguiço!
 Parabens à briosa Direcção
 Da Casa de Sarmento, cujas obras
 Nos dizem, Guimarães, como recobras
 Depressa o jus à nossa gratidão!
 É preciso que nada nos detenha
 No desejo de ver, por toda a parte,
 Um pouco mais desse carinho e arte
 Que deve enfeitiçar-nos lá na Penha!
 A Penha é um paraíso entre arvoredos,
 Cercada de formosos panoramas
 Acendendo em nossa alma etéreas chamas,
 Junto àqueles altíssimos rochedos!
 Mas carece, talvez, de melhor gôsto,
 E diante daquela Natureza
 Não se adornem, com graças sem beleza,
 Tudo quanto já Deus lá tinha posto!
 É preciso, ao chegar-se lá ao alto,
 Não nos engane aquele paraíso
 Que acenara, de longe, num sorriso,
 Enchendo o nosso olhar de sobressalto!
 Mas Guimarães confia, no entretanto,
 Em que tudo assim há-de acontecer,
 Para mais agradar a S. Gualter
 Que o Berço da Nação festeja tanto!
 Com a longa estiagem que se deu,
 A famosa e tão linda Fonte-Santa
 Que tanta água jorrava, já não canta,
 À espera que ela caia lá do céu!...

Confiemos que nada te amedronte,
 Que nada, Guimarães, te ponha entrave,
 Até que passe aqui o Rio Ave
 Por entre os arcos duma bela ponte!
 E desprezando os altos botaréus
 Onde, outrora, ias ver nascer o sol,
 Verás jogar agora o futebol
 Das janelas dos teus arranha-céus!...

Ó Anjos do Senhor! Flores sempre belas!
 O vosso olhar nos prende e nos conforta
 Quando, ao passarmos pela vossa porta,
 Apareceis, a sorrir, nessas janelas!
 O nosso coração é todo vosso
 E a nossa Mocidade vos pertence,
 Ninguém ouse afirmar, que ninguém pense
 Que o amor do Estudante é uma troça!
 Nós bem sabemos que, hoje, sois Doutoradas,
 Diplomatas, Ministras - eu sei lá
 O que sereis no dia de amanhã
 Assim a progredir todas as horas!
 O que há-de ser do Lar? Quem o protege?
 Quem há-de olhar, enfim, pelos bebês,
 Se eles andarem só aos ponta-pés,
 Sem ter quem os afague ou quem os beije?
 Se um dia fordes mães, fordes esposas,
 Não esqueçais que a vida tem espinhos,
 E até as aves, enlaçando os ninhos,
 Ferem as asas ao tocar as rosas!...

Há quem se espante de que o povo gema,
 Pois nesta lida pertinaz e insana,
 Trabalhando tres dias na semana,
 Não chega para ele ir ao cinema!
 Todos nós precisamos ter paciência
 E pôr, enfim, o coração ao largo,
 Que, às vezes, o destino é bem amargo,
 Só nos pode valer a Providência!
 A crise há-de passar, se Deus quizer!
 E ainda que todos não sejamos ricos,
 Hão-de empregar-se esforços mais profíquos
 Para todos, em paz, poder viver!
 Existe muita gente neste mundo,
 A pensar na Riqueza, unicamente,
 Mas Deus que é Pai de todos, certamente
 Tem pelos pobres um amor mais fundo!...

Cesse tudo o que agora tenho dito
 E tudo o que ficou pelo tinteiro!
 Que sempre NICOLAU seja o primeiro
 A proteger-nos lá no Infinito!
 Cá na terra é o martir do SAMPAIO
 Que envolvido no manto da Saudade,
 Vem emprestar à nossa Mocidade
 O calor ideal do sol de Maio!
 Ó Mocidade estudiosa, àlerta!
 E levantando com firmeza o braço,
 Faze tal vento sibilar no espaço,
 Que deixes Guimarães de boca aberta!...

Jerónimo de Almeida.